

## LABIRINTOS SONOROS DO PESQUISAR COM NIETZSCHE E DELEUZE

Gilcilene Dias da Costa<sup>1</sup>

gilcilene@ufpa.br

**Resumo:** O uso de metáforas e sonoridades como estilo inconfundível das filosofias da diferença de Nietzsche e Deleuze atrai o leitor para dentro de um labirinto do pensar sem falsas promessas ou saídas reconfortantes. Seguindo os ruídos emanados desse labirinto, o presente texto visa perscrutar as sonoridades e vestígios deixados por esses filósofos nas sendas de problemas filosóficos que dão o que pensar, sem nunca se esgotar, numa atualidade incontornável. Partindo do procedimento *genealógico* iniciado por Nietzsche no estudo da moral, e da *crítica e clínica* deleuziana como análise e terapêutica do mito de Teseu-Ariadne-Dioniso, o texto busca experimentar os efeitos de tais procedimentos relacionando-os ao ato de pesquisar como convite ao filosofar, guiados já não pelo fio da moralidade, e sim, pela sonoridade de uma música que afirma a vida com jovialidade e alegria na criação.

**Palavras-chave:** Filosofia da Diferença. Pesquisa. Criação.

**Abstract:** The use of metaphors and sounds as unmistakable style of the philosophies of difference postulated by Nietzsche and Deleuze intend to instigate the reader into a maze of thinking without false promises or outputs comforting. Following the sound emanating from the maze, this present article aims to scrutinize the sounds and traces left by these philosophers in the pathways of philosophical problems that give food for thought, never runs out, an unavoidable actuality. Starting the procedure genealogical initiated by Nietzsche in the study of moral, critical and clinical for the point of view of Deleuze as analysis and therapeutic myth of Theseus-Ariadne-Dionysus. In this text seeks to experience the effects of such procedures relating them to search act as an invitation to philosophizing, no longer guided by the thread of morality, actually, for the sound of a song that affirms life with cheerfulness and joy in creation.

**Keywords:** Philosophy of Difference. Search. Creation.

## LINHAS DE ENTRADA...

*A literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer EU.*

(Gilles Deleuze, *Crítica e Clínica*)

O procedimento de escrita deste texto consiste em adentrar os labirintos íngremes do filosofar nietzschiano-deleuziano – especificamente os referidos aos escritos do prólogo da *Genealogia da Moral* (NIETZSCHE, 1998), e ao *Mistério de Ariadne segundo Nietzsche* (DELEUZE, 2004) –, no intuito de perscrutar as veredas de seu estilo e linguagem, quando da formulação de temas ou problemas filosóficos que dão o que pensar acerca de nossa existência e contemporaneidade, e que constituem

instigantes desafios para pensar/recriar o ato de fazer pesquisa (em educação) como convite ao filosofar.

Seguindo uma assertiva deleuziana sobre as relações entre literatura e filosofia como zonas de vizinhança do pensar, dizemos que uma escrita da diferença é causadora de um desprendimento da filosofia e da literatura de seus próprios domínios e do predomínio do EU penso, EU escrevo, sendo capaz de arrastar os acontecimentos, as palavras e as sonoridades de um extremo a outro da linguagem, do universo em circulação. E nesse registro, toda escrita tem lugares, paisagens, trajetos, passagens, cruzamentos que aproximam ou separam pessoas e mundos, e “toda obra é uma viagem, um trajeto, mas que só percorre tal ou qual caminho exterior em virtude dos caminhos e trajetórias interiores que a compõem, que constituem sua paisagem ou seu concerto” (DELEUZE, 2004, pp. 9-10).

Com Nietzsche e Deleuze, e seu estilo singular de pensar/filosofar, veremos que uma escrita da diferença se conecta, mas não se encerra na interioridade daquele que escreve. “De cada escritor é preciso dizer: é um vidente, um ouvidor, ‘mal visto mal dito’, é um colorista, um músico” (DELEUZE, 2004, p. 9). O escritor capta e devolve os acontecimentos do mundo por meio de sensações e expressões que confluem com a experiência externa do mundo. A escrita funde e extravasa a matéria *vivível e vivida* pela experiência da linguagem; ela traça uma zona de vizinhança “entre” o mundo existente e outro por vir, fazendo do “entre” a sua morada, sempre inacabada, em via de fazer-se.

É nesse interim de uma escrita da diferença que Nietzsche e Deleuze revelam os efeitos de um pensar/filosofar constituído por emaranhados literários e conceituais, formulação de problemas, diálogo com intercessores, caminhos e trajetos, a crítica e a clínica como atitude investigativa, estilos de uma escrita povoada de paisagens e sonoridades desterritorializadas no tempo e no espaço, em suma, um devir-escrita inacabado, que perfura buracos e abre fendas no intervalo do pensar em busca do gesto criador.

Ao situar-se na fenda desse gesto criador do pensar/filosofar com Nietzsche e Deleuze, o presente texto adentra os labirintos da mitologia grega antiga de Teseu-Ariadne-Dionísio (duplamente analisada e recontada, por Nietzsche e Deleuze), para ouvir suas sonoridades, perceber seus contornos, imaginar suas fabulações, tecer conexões de sentidos entre pessoas e circunstâncias muito além da projeção de um EU, elevar suas metáforas e mensagens ao status de visão e sonoridade como potências do pensar, sentir os efeitos da metamorfose do espírito quanto este clama pela vida, transfigurando a dor e a morte, realçar a ideia de que a forma de expressão desse estilo de pensar/filosofar arrasta a forma de conteúdo da escrita e seus contornos, abrir novas e infinitas

possibilidades de tecer os fios da pesquisa (em educação) guiada não pela presunção de encontrar o fio da moralidade que a salve dos assombros desse filosofar, e sim, por uma entrega, livre e arriscada, aos delírios da criação.

## 1 LABIRINTOS DO FILOSOFAR

Nos rastros de uma historia pregressa da filosofia ocidental, podemos dizer que o Pensamento da Diferença, sobretudo o impulsionado a partir das filosofias de Nietzsche e Deleuze, reabre um *círculo ininterrupto* de um filosofar, cuja sonoridade ressoa ora como uma martelada, com uma crítica austera aos problemas morais vivenciados em nossa contemporaneidade, ora como uma brisa, com uma leveza terapêutica da arte para tratar dos males (internos e externos) de nossa existência.

Com Nietzsche e Deleuze adentramos o anel circular de um filosofar labiríntico, guiados por “conjecturas”, “intuições”, “contingências”, “perspectivas”, “provisoriedades”, “efemeridades” (e não por pretensas certezas ou verdades que arriscam, enfim, uma saída triunfal), seduzidos a viver no labirinto do pensar, ouvir suas sonoridades, sentir seus mistérios, desvendar enigmas e situações, colocar à prova nossas certezas e os consagrados princípios que nos erigem como seres de razão e moral.

Não por acaso, a linha do pensar desses filósofos se distingue radicalmente desde a sua nascente (sobretudo, Sócrates, Platão, Aristóteles, Kant e seguidores), e por um ímpeto de rebeldia, esses Titãs (entre eles, Spinoza, Nietzsche, Foucault, Deleuze, Derrida, Blanchot, Bataille e outros malditos) rasgaram o caos da Filosofia Mãe gerando-lhe uma filosofia anômala, corpórea, incestuosa. Esse gesto filosófico transgressor destroçou a imagem apolínea do templo jazido do Sujeito moderno com sua presunção à idolatria da razão e da verdade, e restabeleceu uma ligação íntima e erótica entre caos e pensamento, no abre-alas da embriaguez dionisíaca e o culto à desmedida, à insanidade [*Nietzsche, o mais insano dos filósofos*], à inventividade, à aurora reluzente do pensar, à força da diferença como potência criadora do filosofar.

Para os novos Titãs do Pensamento da Diferença, a Filosofia não aspira a um estatuto, pois ela não constitui uma “posse” resguardada a alguns poucos “iluminados”. Ela é acima de tudo uma *arte*: “arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 10); arte não subordinada a idealizações ou abstrações conceituais; *arte do sensível* em plena interação com o mundo e a existência, com personagens e circunstâncias de toda ordem a constituir matéria e fruição ao pensar.

Diria que a Filosofia da Diferença (especialmente as de Nietzsche e Deleuze) mantém uma relação íntima de *amizade e intriga* com a Arte e com a Ciência. Amizade (*agôn*) que não comporta tão somente uma *philia* (amor à sabedoria, como para os antigos gregos), mas também, uma *hybris* (sanha, intriga, artil) com relação ao rival, pois, evocando Maurice Blanchot, uma relação de amizade comporta, na sua intimidade, tanto os atos de uma “desconfiança competitiva” quanto os atos de uma “tensão amorosa” que envolvem o objeto do desejo; atos libidinosos e intempéries que tencionam a relação Filosofia-Arte-Ciência.

Diria, ainda, que a Filosofia da Diferença se distancia da Filosofia do Universal ou da Unidade por sua ousadia em desterrar o ser austero, centrado e autônomo da modernidade (o sujeito soberano de razão e ação), deslocando-o para a condição de um *sujeito-efeito* da linguagem e de seus múltiplos atravessamentos. (Não por acaso, Nietzsche e Foucault decretaram a “morte de Deus” ou do “Universal” como lugar ou instância metafísica. No prelúdio de Zaratustra ao velho santo e na metáfora foucaultiana do sujeito moderno, esse “Deus” se projeta apenas como uma imagem turva e fugaz, um “rosto de areia”, que oscila e se esvai ao sabor da brisa e das tormentas).

Essa inversão filosófica provocada pelo Pensamento da Diferença no seio da Filosofia Mãe – inversão que, conforme assinalou Deleuze (LS, 2000), a propósito da crítica de Foucault a Platão, poderia ser traduzida como uma “perversão” – já havia sido iniciada por Spinoza e por Nietzsche em sua crítica à metafísica da subjetividade moderna, a qual fora seguida por Foucault, Deleuze, Lyotard, Derrida entre outros contemporâneos.

A crítica spinozano-nietzschiana consiste numa subversão do plano da linguagem metafísica (plano no qual o sujeito é situado como ser de razão, juízo e vontade), um exercício do fazer brotar uma *visão imanente do desejo* que, a um só tempo, religa as dimensões corpo e natureza, impulso e criação, e destitui a imagem transcendental do sujeito e da subjetividade como ativadores de desejo. Em sua *Ética* (2007), Spinoza afirma ser o desejo o que assume as rédeas nos processos de *afecção* entre os corpos (e não o sujeito ou a subjetividade, conforme postulam os defensores da metafísica moderna). Por seu turno, Nietzsche profana os desprezadores do corpo e restabelece a relação corpo-pensamento por meio de uma *fisiologia* da arte e da existência, sensitiva e corpórea, como vetor de criação.

Desse modo, dizemos que o Pensamento da Diferença não concebe o mundo ou a existência “além” ou “aquém” deles mesmos, e sim, a partir das relações surgidas no acontecer de sua *imanência*, no aqui-agora de sua irrupção; também não concebe o mundo ou a existência “em si” ou irreduzível ao

“si”, pois, não se trata de unidade de sentido ou pensamento, e sim, de uma polifonia de vozes a bradar nos espasmos da *criação*, por força de contágio e proliferação: *pensar com, contra ou através de uma diferença* gestadas em multiplicidades de sons e abismos.

A noção de imanência é certamente uma marca indelével da Filosofia da Diferença. Nela os dualismos de mundos (demasiado caros a Platão e sua filosofia da transcendência) sofrem o ofuscamento de seu céu de estrelas. Em *A imanência: uma vida*, Deleuze (1995) usa uma paisagem terrena – as “praias da imanência” (e não um céu de transcendência) – para arremeter aos degraus de areia do pensamento sempre móveis, fluidos ou acidentais a atravessar os corpos e suas afecções ao sabor das ondas e do vento. A imanência é o horizonte por onde se avista a terra (a “fidelidade à terra” bradada por Nietzsche).

O pensamento da imanência não reitera dualismos, separações, verticalizações, hierarquizações entre planos e mundos; ele é da ordem das *relações*, das afecções, das multiplicidades, dos atravessamentos e traspassamentos que cortam *este* mundo, no *aqui-agora*, no acontecer do pensamento. O pensamento da diferença não condiz com uma verticalização do pensamento como ponte retilínea de salvação rumo ao céu de ideias no firmamento, ilimitado e inalcançável aos meros mortais. Ele é, antes, uma *babel da linguagem* a profanar a unicidade de sentido e o desejo de salvação; ele é fugacidade e heresia, condição que exhibe “as marcas babélicas da pluralidade, da contaminação, da instabilidade, da confusão” (LARROSA, 2004, p. 69) inscrita no corpo fecundo de uma linguagem *por vir*.

Nesse registro, não pensamos quando partimos do pressuposto da imagem interiorizada de um sujeito que raciocina, julga e age segundo sua própria “vontade” (a isto não se chama pensamento, apenas extensão de raciocínio, reprodução do EU, “mesmidade”). Contrariamente, criamos algo novo (a diferença) quando partimos de uma relação de estranheza e *exterioridade* do pensamento com o seu *fora*, isto é, com suas *dobras* conectadas a variáveis e signos que afetam o corpo-pensamento e o põe a maquinar/criar.

Concluimos, provisoriamente, com o pensamento da diferença, que pensar é uma intensidade proveniente do livre exercício da atividade do sentir/filosofar; é algo como “uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça entre a vida e a morte, e em que todas as peças da máquina se combinam para enviar ao porvir um traço que atravessa as eras” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 9); pensar é algo que não se resume a um sistema lógico-racional, arquitetado com o propósito de definir “o que é” o homem, o mundo e suas relações, segundo diretrizes, epistemologias, políticas que

orientam as ações e os valores de indivíduos e sociedade; pensar exige esforço e entrega, preparação; exige a capacidade de formular problemas, de relacionar elementos e variáveis oriundas da estranheza dos signos que se chocam com as afecções do corpo obrigando-o a evadir os “sulcos costumeiros” da linguagem e suas pretensas verdades, para enfim, e com todo o risco que isso implica, lançar-se nas veredas desse labirinto sonoro, com desejo e criação.

## 2 A ORELHA LABIRÍNTICA COMO ESTILO DO FILOSOFAR

Como se apresentam as formas de expressão de uma escrita da diferença gestada no cruzamento rizomático entre filosofia e literatura? Em outras palavras, como se daria a assinatura de uma escrita da diferença como *estilo*?

Aqui o empreendimento consiste em demonstrar a assinatura nietzschiana-deleuziana como *estilo* de uma escrita criada a partir de um problema filosófico na intersecção com a narrativa mitológica antiga de Teseu-Ariadne-Dionísio.

Passemos a esse estilo:

Em *Mistério de Ariadne segundo Nietzsche*, Deleuze (2004) nos lança num labirinto do pensar evocando a mitologia grega de Teseu recriada por Nietzsche (2000) em *Assim falou Zaratustra*, III, “Os sublimes”. Nela, um misto de forças, desejos, fabulações e ardis se conectam a um filosofar com estilo inconfundível. A narrativa mitológica é tecida por dentro de uma trama, amorosa e existencial, cunhada originalmente num plano moral, mas que, nas palavras de Nietzsche e Deleuze alcançam uma dimensão extramoral.

Eis o *estilo* com que Deleuze inicia o texto:

Assim como outras mulheres estão situadas entre dois homens, Ariadne está entre Teseu e Dioniso. Passa do primeiro ao segundo. Começou odiando Dioniso-Touro. Mas, abandonada por Teseu, a quem não obstante guiou no labirinto, é levada por Dioniso e descobre um outro labirinto. ‘Quem, além de mim, sabe quem é Ariadne?’[...] Isto significaria: Wagner-Teseu, Cosima-Ariadne, Nietzsche-Dioniso? A questão *quem*? Não reclama pessoas, mas forças e querer (DELEUZE, 2004, p. 114; 117-8).

Tratar-se-ia somente de uma abordagem triangular da cena amorosa, a qual Nietzsche-Deleuze quisessem retratar a exemplo do que acontece frequentemente na cena amorosa contemporânea? Certamente não. A leitura nietzschiana-deleuziana reporta a um conflito existencial, no plano moral e extramoral, entre forças ativas e reativas, entre vontade afirmativa e negativa, entre afirmação da vida e sujeição ao pessimismo da vontade.

Teseu é “o *herói*, hábil em decifrar enigmas, frequentar o labirinto e vencer o touro” (DELEUZE, 2004, p. 114), mas é um exímio penitente que anseia pelo fio da moralidade a retirá-lo vitorioso do labirinto de sua má consciência; ele é um “homem sublime, porém ignora o enigma e o monstro que ele próprio é” (p.115). Teseu é o espírito de gravidade que arrasta consigo a *Ânima*, a alma de Ariadne para os confins do humano, o pessimismo da vontade, transformando seu canto numa canção de lamento, de negação da vida.

“Ariadne é a irmã, mas a irmã que experimenta o ressentimento contra seu irmão touro” (p. 117). Seduzida por Teseu, Ariadne é quem segura o fio da moralidade a guiar Teseu no labirinto contra o touro. E é chegada a decepção: Ariadne é abandonada por Teseu após a saída do labirinto e abate-se de um pessimismo veemente, uma vontade absoluta de negação da vida, onde a terra se abre a um niilismo profundo (não por acaso, Ariadne *enforca-se* com uma corda em algumas tradições). É sabido que em muitos casos é preciso se viver o niilismo absoluto, experimentar a situação-limite da profunda negação da vontade para que a meia-noite se transmute em meio-dia, a escravidão em liberdade, a morte em vida. Ainda abatida por pensamentos vis, Dioniso aproxima-se de Ariadne.

Ele é “Dioniso-touro, a afirmação pura e múltipla, a verdadeira afirmação, a vontade afirmativa” (p. 117). Ele é o Leve, o que ri, brinca, dança. “Sob a carícia de Dioniso, a alma torna-se ativa” (p. 117-118). Por fim a canção de Ariadne se transmuta, sua *Ânima* é agora excelsa e leve, com a de Dioniso, ela é o Espírito que diz Sim à vida, ao novo amor. Dioniso é a afirmação que Ariadne necessita e esta é sua face e afirmação. Duplo labirinto do devir. O labirinto é agora a orelha de Dioniso, “a orelha labiríntica” (p. 119) onde se gesta o além-do-homem, “a única criança que se concebe pela orelha, o filho de Ariadne e do Touro” (p. 121).

E Dioniso canta:

Sê prudente, Ariadne!...

Tens pequenas orelhas, tens minhas orelhas:

Põe aí uma palavra sensata!

Não é preciso primeiro odiarmo-nos se devemos nos amar?...

Sou teu labirinto...

Ao recriar a mitologia de Teseu – o herói grego valente e decifrador de enigmas, que, quando imerso num labirinto moral da má consciência é governado pela ambição incontida de vencer o Touro e sair vitorioso do labirinto –, Nietzsche nos lança uma nova metáfora do filosofar/pesquisar como

condição de possibilidade de criação do novo, mediante a transmutação do peso e da dor: transmuta a *ânima* niilista de Ariadne em uma canção que diz Sim à vida e a Dioniso-Touro; substitui as orelhas longas retilíneas de Ariadne (o fio da moralidade) por orelhas curtas e circulares (o eterno retorno que a faz viver).

A imagem labiríntica do pensar nietzschiano, ao assumir contornos circulares inconclusivos, não lineares, anseia não a saída do labirinto, e sim o desafio de viver no labirinto do filosofar/pesquisar em diálogo com intercessores-filósofos tradutores de uma jovialidade ou alegria na criação, *uma gaia ciência*, inseparável de uma “longa, valente, laboriosa e subterrânea seriedade” no ato de pensar/pesquisar.

O labirinto cênico da mitologia antiga de Teseu, recriado por Nietzsche, exalta o valor da vida e sua afirmação. Espreitando os passos de Nietzsche em *Mistério de Ariadne segundo Nietzsche*, Deleuze nos auxilia a perscrutar o labirinto da pesquisa com novas perguntas e novos olhares, guiados já não pelo fio linear da moralidade (tal o utilizado por Ariadne para guiar Teseu no labirinto contra o Touro), e sim pela metáfora labiríntica circular das pequenas orelhas de um filosofar como condição de possibilidade de criação do novo, transmutação do peso e da dor, uma *gaia ciência* traduzida como jovialidade ou alegria na criação.

É assim que de filosófica a poética a literária a musical a trágica a erótica... a linguagem nietzschiana se transmuta no labirinto do filosofar deleuziano e se embrenha numa tessitura de palavras e paisagens incomuns que recria o vaivém de sentidos incapturáveis.

Daí a pergunta: Que linguagens e singularidades expressam o estilo filosófico de Nietzsche e Deleuze?

Aludindo a questão *quem* levantada por Deleuze a propósito do filosofar nietzschiano, e aproximando-a dos domínios da atividade de pesquisar, corroboramos da ideia de que uma pesquisa “não reclama pessoas, mas forças e querer”. E nesse encontro de ideias e forças o que primordialmente importa ao ato de pesquisar talvez esteja relacionado às *afecções* das forças e vontades que atravessam o pensamento e suas relações, evocando a irrupção de um *problema* a ser perseguido e alimentado, sempre e desde já como problema, e não como estratégia de personalização (quem sou, quem és). Desse modo, o triângulo amoroso constituído por Teseu-Ariadne-Dioniso é lido como um plano de imanência por onde passa a questão *quem*, isto é, os gradientes de força e de vontade que mobilizam essa relação. Com isso dizemos que a trajetória de uma pesquisa constitui, sob



tal aspecto, a orelha labiríntica circular do pensamento sempre aberta à escuta que vem do *fora*, dos signos que a interpelam e a põe em questão.

A escrita da diferença como estilo perfaz um limiar tênue que é estar *dentro* de certos regimes de pensamento e ao mesmo tempo *fora* deles, contra eles, além deles, ao ponto de lançar seu *olhar crítico e clínico* sobre dada realidade (a queda, o abandono por Teseu, o pessimismo da vontade é também a tábua de salvação de Ariadne). Nesse limiar, a diferença se diz de uma transmutação que põe em xeque o pensamento da identidade – essa interioridade que cerra as portas do seu “eu penso”, do seu “território”, do seu “em casa” frente à radicalidade do outro, à *exterioridade* dos signos que a interpelam por todos os lados, invitando-a a se deslocar. Diferença que irrompe como força avassaladora e salta subitamente; uma *impostura* ou inconformismo do pensar/agir que não espera a manifestar-se, que não anseia ser conhecida, nomeada, classificada, tolerada, reconhecida, enfim, que não aguarda que lhe concedam a “permissão” para interrogar certos sistemas de pensamento, para entrar ou sair dos regimes discursivos que lhe interditam a presença e desautorizam a fala sobre questões que deseja perscrutar.

A escrita da diferença é capaz de borrar ou desmontar os modelos educacionais historicamente incorporados por teorias, práticas e abordagens de pesquisas orientadas pelo rito academicista e sistemático de trabalhos científicos; ela prima pela experimentação e articulação de múltiplas linguagens e formas de expressões que confluem em uma escrita ensaística, literária, artística, musical, corpórea, cinematográfica, fotográfica, poética... entre tantas outras formas de expressão dos acontecimentos e das singularidades que irrompem do questionamento do fenômeno educativo.

Dentre essas múltiplas linguagens e expressões situa-se a opção por *uma estilística da linguagem no ato de pesquisar em educação como escrita da diferença*, a qual reúne aspectos da pintura, da música, da literatura, da ciência, da filosofia, das artes, do cinema, da poesia, da dramaturgia, das imagens, das emoções, dos silêncios, dos intervalos, dos movimentos e dos repousos etc.; aspectos que erigem a multiplicidade e a heterogeneidade dos modos de pensar/pesquisar/escrever em educação.

Criar um *estilo*, na acepção deleuziana, não tem a ver com o “beletrismo” da linguagem, com o escrever “bem” ou “bonitinho”. O estilo, diria Deleuze, é uma *variação*, uma *subversão* da língua (uma gagueira convulsionada, como para Artaud) metamorfoseada em *devir*; uma singularidade da escrita nascida do frenesi das sensações corpóreas da linguagem enquanto “fisiologia da arte” (como para Nietzsche); uma *erótica da língua(gem)* traduzida num “prazer” que o texto incita (como para Roland

Barthes) entre excitações, sensualidades e carícias no corpo-escrita. Exemplifiquemos o exposto: Dionísio faz da carícia um meio de sedução de Ariadne para então esposá-la em júbilo criador. Se Dionísio é a afirmação de que Ariadne necessita para vencer o pessimismo da vontade e transmutar seu canto de dor, Ariadne é a afirmação da afirmação, o duplo Sim do eterno retorno, que leva Dionísio a desejar esposá-la no labirinto sonoro da criação, gerando filhos pelas orelhas.

O estilo se traduz como a variação de uma escrita desterritorializada de lugares e posições determinantes e se traduz não como retórica ou beletismo, mas como ousadia, irreverência, transgressão aos moldes academicistas do pesquisar/escrever; como ousadia, o estilo imprime uma assinatura aos que ousam filosofar/criar/escrever sem omitir a polifonia das vozes e linguagens que desembocam em linguagens-*outras*, interpretações-*outras*, percepções-*outras* aliadas do imperativo do “eu” e da “mesmidade”.

## TECENDO NOVOS FIOS DO PENSAR

Ao percorrer os labirintos sonoros do pesquisar com Nietzsche e Deleuze, extraímos lições importantes que nos ensinam a *espreitar nossas ideias* (inquietações, hipóteses, procedência, desafios) como exímios caçadores que somos, isto é, seguir os vestígios de nossa procura; ativar o pensamento e envolvê-lo num jogo de *intriga e vontade*, com desejo e determinação; envolver nossas ideias num jogo de *sedução e liberdade*, relacionando as variáveis disparadoras do pensar; elaborar perguntas, levantar hipóteses sobre a procedência de algo, mantendo a intriga no pensamento sem a pretensão de encerrar respostas aos problemas, com o imediatismo de nossas ações; construir uma relação ao mesmo tempo de respeito e liberdade com os *intercessores teóricos* (e não uma relação de subserviência ou dogmatismo, muito menos de desrespeito e desonestidade), estabelecendo com eles uma zona de vizinhança e de afastamento necessária através de suas lentes; construir caminhos próprios do pensar como possibilidade de fabricarmos nossas próprias lentes por meio das quais possamos enxergar e reparar o visível e o invisível o mundo (com seus coloridos e suas mazelas) a partir da perspectiva e provisoriedade de nossas interpretações.

Um pensamento quando se faz *novo* se traduz como alegria, a jovialidade na criação. A *gaiá ciência*, para Nietzsche, é a recompensa por uma “longa, valente, laboriosa e subterrânea seriedade” (NIETZSCHE, 1998, p. 14), uma aura que se liberta dos atrelamentos do instituído e se eleva ao encontro do novo, a alegria na criação. Desposada por Dioniso, Ariadne é pura alegria, contentamento,

esplendor; é nas pequenas orelhas do labirinto que os amantes fazem gestar o “além-do-homem, a única criança que se concebe pela orelha, o filho de Ariadne e do Touro”.

Em *Mistério de Ariadne...*, Deleuze nos chama para dentro do labirinto de Teseu-Ariadne-Dioniso com sua peculiaridade de estilo, linguagens e olhares, deixando entreabertas as cadeias de interpretações ao melhor estilo nietzschianas, ou seja, contingenciais e provisórias a cada tempo. Em *Genealogia da moral* é o próprio Nietzsche quem traça o percurso labiríntico da formulação do problema moral a partir dos filósofos que o antecederam, indo conseqüentemente além deles.

A criação é uma arte que renova a “serenojovialidade” do espírito, uma perigosa e inocente alegria na criação, capaz de nos refinar por inteiro como jamais fôramos antes. A filosofia de Nietzsche é prene de paisagens e sonoridades que a tornam leve, com ares de jovialidade e esplendor; uma filosofia cujo espírito inquiridor nos põe à espreita de matérias para um *novo* pensar; uma *arte do filosofar* reúne “sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós” (NIETZSCHE, 2001, p. 13).

Uma pesquisa que caminha lado a lado com o filosofar como diferença não se alimenta do desejo de “resolver problemas”, de ter os mais jovens como posse, levando-os a agir sob o comando dos mais velhos ou iluminados (sobretudo, padres, pais, mestres, etc.); de modo contrário, uma educação como *arte do filosofar* precisa colocar a disposição dos jovens a “força plástica” do pensamento, fazê-los nascer como jovens-pesquisadores, capazes de formular problemas, hipóteses e estratégias de pensamento em diálogo *com* ou *contra* seus intercessores; poder transformar em sangue o saber produzido para utilizá-lo, como artífice, em atos de criação, rebeldia e invenção, característicos à juventude da vida.

A potência do filosofar/pesquisar incide na abertura de canais e adjacências que interligam o pensamento a uma multiplicidade de olhares e escutas dos modos de vida heterogêneos e singulares, extemporâneos ao tempo e lugar. Ora com duras marteladas ora com uma sonoridade musical, a força do filosofar nietzschiano perfura lugares inauditos, disseminando uma multiplicidade de linguagens-outras (aforismos, metáforas, máximas, sátiras, líras, etc.), a um só tempo, extemporâneas, errantes, extravagantes.

Concluimos dizendo que o correlato entre pensar e filosofar é o ingrediente que singulariza o ato de pesquisar como acontecer da diferença, algo que se efetiva na postura daquele/a que ensina ou se arrisca em criar problemas como convite ao filosofar. Como diria Cerletti (2009, p. 19), “ensinar filosofia e ensinar a filosofar conformam uma mesma tarefa de desdobramento filosófico, em que

professores e alunos compõem um espaço comum de pensamento. É em virtude disso que avaliamos que todo ensino de filosofia deveria ser, em sentido estrito, um ensino *filosófico*". Tal procedimento implica, nessa perspectiva, *intervir* de maneira original e diferencial no domínio dos saberes e da existência humana, mediante um pensar aberto e múltiplo, no qual as perguntas se convertam em *problemas* e o pensamento em *atitude* de viver a filosofia como arte e impregnação.

## REFERÊNCIAS

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Ensino de Filosofia)

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2ª Ed. Tradução Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **Crítica e clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2004.

\_\_\_\_\_. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2ª Ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

LARROSA, Jorge. LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de babel**. Tradução Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Edição bilíngue: latim-português. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal do Pará/Campus Cametá; Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGED/ICED/UFPa, Linha de Pesquisa Educação: Currículo, Epistemologia e História.